

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pelo servidor Rodolfo Augusto Melo Ward de Oliveira, em 20 de agosto de 2019, para disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

REFERÊNCIA

WARD, Rodolfo. (Pós)-(Super)-(Hiper)-Modernidade e o Ciberespaço Como Mediador dos Movimentos Sociais na Era das Redes Sociais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS, 1., 2018, Rio de Janeiro - RJ. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 72-80.

(PÓS)-(SUPER)-(HIPER)- MODERNIDADE E O CIBERESPAÇO: OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA ERA DAS REDES SOCIAIS

(POST) - (SUPER) - (HYPER) -
MODERNITY AND CYBERSPACE:
SOCIAL MOVEMENTS IN THE AGE
OF SOCIAL NETWORKS

Rodolfo Ward¹

Resumo: O presente artigo pretende trazer uma reflexão sobre a transmutação política global que a sociedade contemporânea atravessa devido às mudanças econômicas e sociais da última década. Com advento das novas tecnologias o ciberespaço assumiu um lugar de poder central na contemporaneidade promovendo o esgotamento das instituições hierarquicamente rígidas dando lugar as redes de relacionamentos com estruturas fluídas, transversais, cooperativas e em redes promovendo metamorfose nas relações interpessoais e nos movimentos sociais que se originam no ciberespaço. Essas novas possibilidades e concepções de realidade, de identidade, individualidade, virtualidade, espaço e tempo resultam na descontextualização do eu simbólico promovendo crise de identidade na sociedade contemporânea.

Palavras Chave: Cibercultura, Movimentos Sociais, Pós-Modernidade

Abstract: *The present article intends to bring a reflection on the global political transmutation that the contemporary society crosses due to the economic and social changes of the last decade. With the advent of new technologies, cyberspace has assumed a place of central power in the contemporary world, promoting the exhaustion of hierarchically rigid institutions, giving rise to networks of relationships with fluid, transverse, cooperative and network structures, promoting metamorphosis in interpersonal*

¹ Mestrando em Artes Visuais pelo Instituto de Artes - IDA da Universidade de Brasília- UnB, Pós-graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política – IPOL da UnB, Graduado em Comunicação Social, Autor da Obra Wawekrurê: distintos olhares, editado pela Editora do Senado Federal e do livro Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na

relations and social movements that originate in cyberspace. These new possibilities and conceptions of reality, identity, individuality, virtuality, space and time result in the decontextualization of the symbolic self promoting identity crisis in contemporary society.

Keywords: *Cyberculture, Social Movements, Post-Modernity*

1. Introdução

Este trabalho tem a intenção de colaborar com as discussões sobre os movimentos sociais que se originam no ciberespaço na contemporaneidade. Pretende-se lançar luz a respeito das transmutações sociais que estão ocorrendo atualmente nos campos sociais e culturais devido a quebra dos conceitos de verdade e a ruptura das metanarrativas modernas que estavam sedimentadas e estabelecidas na sociedade (ocidental) e regiam por meio de suas instituições, convenções e regras sociais os modos de viver do indivíduo. Esse artigo utiliza metodologia transdisciplinar e se enquadra nas discussões propostas pelo campo de pesquisa que vem se desenvolvendo nos últimos anos, sob a legenda de Humanidades Digitais.

Serão desvelados pensamentos de teóricos que tratam da temática de como os movimentos sociais se relacionam na contemporaneidade sob o prisma político e levando em consideração a ruptura com as metanarrativas modernas e o conceito de verdade cartesiano. As metanarrativas e o conceito de real e realidade se expandiram na contemporaneidade criando crises e novos conflitos na forma de ser e existir do indivíduo que remetem a uma crise no próprio conceito de paradigma². É necessária a (re)construção histórica, coletiva, por diferentes olhares, para termos uma melhor percepção do que estamos vivendo e como devemos prosseguir. O ciberespaço ganha cada vez mais importância na construção social por meio da cibercultura. O atual momento abre espaço para novas possibilidades de diálogos e construção do real em que “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para

Comunicação, editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT. E-mail: rodolfoward.unb@gmail.com

² Neste artigo entendemos que a contemporaneidade é marcada por uma ruptura com “crenças em visões totalizantes da história, que prescreviam regras de conduta política e ética para toda a humanidade” (LYOTARD, 1970).

a libertação e não para a servidão dos homens.” (LE GOFF, 2003, p. 471).

Nesse artigo entendemos a cibercultura como uma reorganização de fenômenos sociais no espaço eletrônico virtual a partir do uso de suportes tecnológicos para a comunicação em redes localizadas no ciberespaço. O ciberespaço pode ser definido como “uma dimensão virtual da realidade onde seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem mediados por fluxos digitais de informação e imagem” (MARTINS, 2013, pág. 45). Lévy (1999) caracteriza o ciberespaço como um espaço gerado pela Internet que interliga pessoas de forma democrática, de todos para todos e todos para cada um, preservando a individualidade pessoal do indivíduo e construindo uma rede cooperativa de intersubjetividade mundial.

Para elucidar as questões apresentadas o trabalho foi dividido na introdução mais três tópicos que se relacionam e complementam traçando uma linha histórica evolutiva com objetivo de guiar o leitor pela epistemologia da pesquisa transdisciplinar proporcionando fundamentação teórica sobre os principais temas tratados neste artigo, como mobilização social, ciberespaço, cibercultura e contemporaneidade. Também serão abordados temas secundários que se fazem necessário neste trabalho como ativismo digital, modernidade, pós-modernidade e supermodernidade, além de informações sobre o uso da internet no Brasil e de plataformas de redes sociais.

Na introdução é apresentado o tema e sua relevância social dentro do atual cenário sócio cultural que vivemos por meio de uma contextualização histórica do objeto de pesquisa. No primeiro tópico são apresentadas teorias sobre o ciberespaço que se tornou palco de debate e disputa de poder político e ideológico e a discussão teórica a respeito da condição contemporânea. No segundo tópico são apresentadas as principais características e dados sobre o crescimento da internet na vida social e como a sociedade em geral, de diferentes gerações, que participam das redes sociais tem sido seduzida por grupos de poder a se tornarem ativistas digitais e

participarem de campanhas nas redes sociais. No terceiro tópico apresentamos o conceito da era da conectividade e como os grupos de poder engajam e mantém coesos os movimentos sociais.

2. Onde rola a treta?

As transformações sociais das últimas décadas não se constituem apenas por mudanças econômicas e tecnológicas, existiram profundas transformações sociais ainda em ebulição que seria necessária uma análise de conjuntura densa para citar as principais, o que, não é o objeto de estudo desta pesquisa. Mas, é relevante para um melhor entendimento sobre como se originam as relações sociais contemporâneas no ciberespaço apresentar as principais características do ciberespaço e da condição pós-moderna, sem a intenção de esgotar o assunto. Queremos apenas guiar o leitor de forma clara para as questões levantadas nesta pesquisa.

O ciberespaço ganha cada dia mais importância como palco para o debate político atraindo empresas e agentes públicos para as plataformas de mídias sociais. Faz-se necessário entender o contexto e a conjuntura global de por que, quem e onde acontecem as discussões. A seguir serão apresentadas sínteses do pensamento de estudiosos que se debruçam sobre o tema da pós-modernidade³ ou supermodernidade e como os movimentos sociais estão se desenvolvendo nesse novo campo. Não iremos adentrar no tema do pós-humano que é defendido por Lúcia Santaella (2003) e Suzete Venturelli (2017) por entender que ultrapassa o escopo definido para este trabalho. Será apresentado um panorama geral sobre o desenvolvimento teórico a respeito do mundo contemporâneo, que, ainda está em expansão e em desenvolvimento, mas, é de suma importância para a discussão proposta neste trabalho.

Em decorrência das mudanças econômicas e sociais das últimas décadas o mundo está passando por uma transformação política global. Com o advento das novas tecnologias, o ciberespaço assumiu um lugar de poder central na contemporaneidade promovendo o esgotamento das instituições hierarquicamente rígidas dando lugar às redes de

³ “A partir da década de 1950, o termo começou a ser usado na teoria literária norte-americana para classificar as principais escolas do século XX. A princípio, o termo foi usado em um sentido pejorativo, quer dizer, para designar um momento pouco inspirado em comparação às produções anteriores na área das letras. Mas já em meados da década de 1960 o vocábulo passa a ganhar uma conotação afirmativa. Em 1969, o

crítico literário americano Leslie Fiedler (In: *Cross the Border*) descreve sua época como uma luta de morte entre a literatura moderna e a pós-moderna. A palavra de ordem pós-moderna seria: “transportar a fronteira” entre uma arte supostamente elitista e uma arte mais popular”. (FEITOSA, 2004)

relacionamentos com estruturas fluidas, transversais e cooperativas. “Economias por todo mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável” (Castells, 2000, pág. 39).

Os estudos sobre a contemporaneidade tratam de temas globais e coletivos que refletem e se expressam na vida individual tendo como marco histórico inicial a ruptura com o período anterior, a modernidade, por meio do declínio da União Soviética e a queda do muro de Berlim, que promoveram intensas mudanças socioeconômicas em nível global rompendo com o modelo moderno vigente durante a guerra fria (Maffesoli, 2015) e “alterando a geopolítica⁴ global” (Castells, 2000, pág. 39).

Essa transformação socioeconômica, de certa forma, ainda recente para os teóricos – promove algumas divergências entre autores e escolas sobre o atual período histórico que vivemos e suas definições, porém é consenso que passamos por uma densa transformação social, econômica, cultural e simbólica possível e potencializada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Para embasar teoricamente esta pesquisa serão apresentados os conceitos de pós-moderno, super-moderno e hiper-moderno e suas relações com o ciberespaço e com os movimentos sociais contemporâneos.

A definição de pós-modernidade, ou super-modernidade, ou hiper-modernidade estão ligadas às mudanças sociais que a sociedade contemporânea está passando. Em decorrência das rupturas com os regimes de verdade e metanarrativas modernas já sedimentadas na cultura social. Esses três termos foram cunhados por pesquisadores de escolas diferentes com objetivo de definir o estado da arte do período em que a sociedade contemporânea vivencia, e também, como forma de tornar academicamente possível desenvolver estudos metodológicos sobre o tema. Traremos algumas definições sobre essa temática para que possamos ter um melhor entendimento sobre a época em que vivemos.

Maffesoli (2015) ao abordar a pós-modernidade ressalta a dificuldade em definir o

termo, mas cria uma definição provisória, “a sinergia dos fenômenos arcaicos e o desenvolvimento tecnológico” e explica que os principais objetos de estudo da pós-modernidade são o Estado-Nação, as instituições e os sistemas ideológicos com ênfase no local, nas tribos urbanas e nas bricolagens⁵ mitológicas. Para Bauman (2007) existe uma transição do modelo moderno (sólido), para o modelo pós-moderno (líquido) e para o modelo hiper-moderno (gasoso) em que as relações humanas estão se tornando cada vez mais efêmeras. Giddens (1991) entende que ainda estamos na modernidade, e o termo pós-modernidade é a “tentativas de fundamentar a epistemologia” sobre a vida social e os padrões de desenvolvimento social que fugiram ao controle da filosofia e da epistemologia contemporânea e propõe analisar a natureza própria da modernidade que tem sido insuficientemente abrangida pelas ciências sociais. Augé (2012) rejeita o termo pós-modernidade por achar que não há ruptura com a modernidade que o termo pós sugere, defendendo a continuidade com a modernidade, porém, a modernidade com fatores de aceleração definidos como “figuras de excessos” e “não lugares” que ele caracteriza como superabundância espacial, individualização das referências e transformação nas categorias de tempo, que seriam a supermodernidade. Lipovetsky (2004) um dos teóricos que popularizou o termo “pós-moderno”, hoje, discorda que há o rompimento com a modernidade e defende o termo hiper-moderno baseado nos excessos para definir a atual era. Ele explica que no momento que a expressão “pós-moderno” surgiu, no final da década de 1970, os pesquisadores analisavam a transmutação social, política, econômica e cultural da época e precisavam de um termo para explicá-la, e o termo cunhado à época foi pós-moderno. Lyotard (1970) foi um dos pioneiros na utilização do termo pós-moderno na filosofia, cruzando filosofia ligada à arte e à política para dar ênfase ao estudo sobre a sociedade pós-industrial e a cultura pós-moderna. O autor afirma que em consequência da perda de credibilidade nos grandes discursos legitimadores da realidade, ou seja, das metanarrativas modernas,

⁴ Geopolítica é um estudo dos Estados em sua relação no contexto mundial (BOFIM, 2005).

⁵ **Bricolagem** é um termo com origem no francês “*bricolage*” cujo significado se refere à execução de **pequenos trabalhos domésticos**, sem necessidade de recorrer aos serviços de um profissional.

<<https://www.significados.com.br/bricolagem>> acesso em: /23/04/2018

surgiram espaços a serem preenchidos pelo pluralismo e pela afirmação das diferenças.

Por meio das definições anteriores percebemos que há um consenso no sentido de que a contemporaneidade é moldada em um tempo-espaço diferente de tudo que a história humana já presenciou. Pessoas podem se conectar a outras pelas redes sociais por texto, vídeo, voz ou imagens independentemente da localidade ou do fuso horário. A vida na contemporaneidade é coisificada, transformada em dados, desmaterializada e compartilhada entre os participantes das plataformas de mídias digitais, desde momentos tristes e de indignação até os momentos de alegria.

Essa concepção de materialização da vida conversa com o pensamento de Baudrillard (1981), que propõe explicar o comportamento pessoal contemporâneo por meio da sociedade de consumo e a objetificação das coisas, da vida, tramando uma realidade em que o objeto tem mais valor que sua funcionalidade, ou seja, consumir determinado objeto é mais importante do que sua utilidade. A publicidade utiliza-se muito disso com o *branding*,⁶ promovendo a imagem de determinado objeto, empresa ou marca conhecida ao transformar o próprio produto na sua finalidade. Essa concepção definida por Baudrillard (1981) como “mercado-signo” é diferente de tudo que as sociedades anteriores haviam vivido até então. Tudo isso é potencializado pelo modelo de sistema capitalista e globalizado vigente que massifica a sociedade por meio da indústria cultural e pauta as discussões diárias, como é elucidado pelos estudos da teoria da agenda *setting*.⁷ Esses instrumentos de poder são utilizados em larga escala e empobrecem as relações pessoais objetificando-as e tornando-as mercadoria, desqualificando quem opta por meios de vida que não estejam atrelados ao consumismo (ADORNO, 1992).

O traço característico desta época é que nenhum ser humano, sem exceção, é capaz de determinar sua vida num sentido até certo ponto transparente, tal como se dava antigamente na avaliação das relações de mercado. Em princípio, todos são objetos, mesmo os mais poderosos (ADORNO, 1992, p. 31.)

⁶ “*Branding* é o sistema de gerenciamento das marcas orientado pela significância e influência que as marcas podem ter na vida das pessoas, objetivando a geração de valor para os seus públicos de interesse” (GAMEIRA, 2013, p. 44).

Para Debord (1997) vivemos em uma “sociedade do espetáculo” onde a mercadoria e a aparência se tornaram mais valorizadas e fundamentais no contexto das relações sociais que passam a ser artificiais e não vividas em sua essência. Debord (1997, p. 8) diz que “o espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente”. O espetáculo não é apenas um conjunto de imagens postadas ou compartilhadas nas plataformas de mídias sociais, mas está inserido no contexto das relações sociais contemporâneas mediando as relações entre as pessoas por imagens, narrativas e enquadramentos.

As novas concepções criam dúvidas e fomentam reflexão sobre os problemas e as preocupações da condição histórica que vivemos por meio do paradoxo globalização e fragmentação. Por um lado, a globalização hegemoniza as manifestações culturais e impõe o modelo econômico neoliberal baseado no consumismo em larga escala que gera produção em larga escala e descarte em larga escala. Por outro lado, a fragmentação desse processo por meio dos impactos no sistema político Estado-Nação “devido às diferenças regionais, locais e institucionais que emergem não apenas entre grupos geopolíticos, mas também de dentro deles” (MARTINS, 2013, p. 32). Para Martins (2013), essas duas forças contraditórias criam conflitos em espaços sociais que são intensificados, na pós-modernidade, pela participação das massas nas redes sociais localizadas no ciberespaço.

3. Quem participa da treta?

Após uma introdução as discussões que tratam da contemporaneidade, o ciberespaço, a cibercultura, as novas possibilidades de se viver o Eu devemos entender um pouco mais sobre os atuais movimentos sociais e também o interesse crescente de grupos de poder no domínio sobre o campo do ciberespaço.

A internet tem adquirido cada vez mais importância na vida social das pessoas. Com o advento das novas tecnologias, o número de pessoas

⁷ “A habilidade de influenciar a saliência dos tópicos da agenda pública” (MCCOMBS, 2009).

conectadas e que participam de debates nas plataformas de redes sociais tem aumentando exponencialmente. De acordo com dados do Facebook, em 2017 a plataforma chegou à marca de 2 bilhões de usuários em todo o mundo, sendo mais de 117 milhões de usuários brasileiros ativos todos os meses e 96 milhões deles acessam via dispositivos móveis (FACEBOOK, 2017). Empresas de vários segmentos perceberam esse nicho mercadológico e utilizam as informações privilegiadas e os bancos de dados precisos que essas plataformas proporcionam. Muitas empresas de notícias possuem perfis atualizados instantaneamente promovendo ainda mais interação com o público e criando um sistema de informação no qual o internauta pode deixar sua análise e opinião. O grupo etário mais participativo é composto de jovens, que somam aproximadamente 71% do total de conectados em nível mundial. Dos 117 milhões de usuários brasileiros, em média 70% entram pelo menos uma vez por dia na plataforma, principalmente por smartphones (FACEBOOK, 2017).

De acordo com estudo divulgado pelo IBGE (2018),⁸ os usuário de internet no Brasil são divididos em 64,7% acima dos 10 anos de idade, com uma prevalência dos jovens adultos, pessoas entre 18 e 24 anos de idade que são 85% das pessoas. 65,5% das mulheres entrevistadas possuem alguma forma de acessar a rede, contra 63,8% dos homens entrevistados. A Região Sudeste continua com o maior índice de habitantes conectados (72,3%), seguida do Centro-Oeste (71,8%) e Sul (67,9%), enquanto o Nordeste e o Norte trazem os menores totais, com, respectivamente, 52,3% e 54,3% de cidadãos *online*. O celular é o dispositivo mais usado pelos brasileiros, e os aplicativos de mensagem ou bate-papo também apresentaram maior penetração, com 94,6% dos internautas afirmando serem utilizadores de soluções desse tipo.

Os grupos políticos perceberam que as redes sociais concentram grande parte do seu eleitorado, então a cada dia mais o Facebook torna-se também arena política onde grupos e organizações comunicam e criam narrativas que legitimam e justificam suas ações.

Para Feixa, Fernández-Planells, e Figueras-Maz (2016), os movimentos sociais contemporâneos têm sido iniciados por grupos de militantes em discussões nas plataformas de redes sociais que são convertidas em praças de debate utilizadas por pessoas de diferentes nichos sociais e locais geográficos que se encontram no hiperespaço e posteriormente tomam as ruas do mundo físico (analógico) em manifestações reais ou criam discussões que podem ser compartilhadas globalmente. Esses movimentos na maioria dos casos são protagonizados por jovens de faixas etárias e períodos históricos distintos, a geração @ caracteriza os jovens nascidos na era digital, que é a fase pós-moderna da globalização e do domínio das empresas transnacionais,⁹ e a geração # caracteriza os jovens nascidos na era hiperdigital, que é o surgimento das redes sociais, da capacidade de conectividade e colaboração global e surgimento dos *prosumers*, que além de consumidores são também criadores de conteúdo a ser compartilhado.

Os indivíduos que têm acesso e participam das mídias sociais sentem a necessidade de pertencimento e vinculação a um grupo social no ciberespaço para interagir, colaborar e compartilhar conteúdos nas plataformas de redes sociais. Para Primo (2017) essas interações mediadas por computador afetam diretamente o comportamento dos que estão interagindo e servem como forma de criar uma “inteligência coletiva” que consiste no “reconhecimento e no enriquecimento mútuo das pessoas” por meio de suas competências individuais Lévy (1999).

Esse novo espaço de interação e mobilização social cria também, politicamente, a necessidade de ser controlado pois é onde figura o novo imaginário social que cria e implementa as agendas do cotidiano pautando as discussões diárias, informando, persuadindo, “configurando uma rede social na qual, de maneira sub-repitição, poder e vida se fundem e passam a circular entre indivíduos por meio de lógicas participativas em fluxos de informação, de imagens e de atividade social” (MARTINS, 2013) Não está nas referências).

⁸ Disponível em: <<https://canaltech.com.br/internet/brasil-tem-117-milhoes-de-usuarios-de-internet-afirma-ibge-108612/>>. Acesso em: 02/04/2018.

⁹ De acordo com José Roberto Marques (2017, p. falta), “o vocábulo transnacional substitui multinacional ao se referir a empresas que atuam

em diversos países, mas foram fundadas e possuem a sua matriz em apenas um. As empresas começaram a romper as fronteiras de seus países no fim do século XIX, mas esse movimento ganhou força somente após a Segunda Guerra Mundial”.

Grupos de poder criam novos campos de interação, discussão, disputa e permite dar voz a vários atores que antes não participavam pois não possuíam condições de participar de determinadas discussões, seja pela distância geográfica, tempo ou dispositivos comunicacionais que permitissem essa interação. O ciberespaço possibilita debates, discussões políticas, religiosas e ideológicas, entretanto, também criam um “não-lugar” de conflitos pois muitas ideias divergem causando embates entre diversos locutores que possuem identidades e experiências vividas diferentes. Para Giddens (2002, p. 12-13) “é onde a vida diária é reconstituída e os indivíduos forçados a escolher um estilo de vida a partir de diversas opções pré-existentes”.

A irrupção das redes sociais trouxe consigo a capacidade de chegar a milhares ou milhões de leitores a um custo muito baixo. Isso criou uma certa utopia da comunicação, segundo a qual o indivíduo não está restrito às 20 pessoas com quem consegue falar em um dia, mas tem muito mais possibilidades de ganhar presença também na esfera pública (HOWELL-FERNÁNDEZ, 2017).

Para a ciência política o termo ativismo é sinônimo de militância por uma causa com vistas a uma mudança social ou política, como manifestações públicas organizadas, boicotes a produtos e serviços, de forma pacífica ou violenta, podendo usar também formas de terrorismo (FERREIRA, 1986, p. 194). Devido as características apresentadas entendemos por que o ciberativismo vem ganhando espaço na contemporaneidade e passou a ser uma das principais ferramentas para influenciar a opinião pública e tem sido bastante utilizada pelos governos de todo o mundo. As plataformas de mídias sociais hoje são o novo campo de batalha pois abrangem todo o tipo de causa, seja ela social, política e cultural. Manuel Castells (1999) diz que os “Movimentos Sociais são sistemas de práticas sociais contraditórias, cuja natureza é transformar a estrutura do sistema por meio de ações revolucionárias ou não”.

Castells (1999) entende que a nova estrutura social contemporânea “sociedade informacional” ou “sociedade em redes” se estrutura globalmente ligada em redes de informação “que é um sistema dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio” (Castells, 1999, pág. 499) e está expandindo

aceleradamente pelo uso e aplicação de informação e conhecimento resultantes da revolução tecnológica do final do século XX. Levando em consideração que “as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder” (Castells, 1999, pág. 33) as novas formas e grupos sociais que se proliferam no ciberespaço possuem alta capacidade de “penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana” (Castells, 1999, pág. 24) potencializando e acelerando ainda mais os processos de ruptura com os padrões da sociedade industrial.

O ciberespaço concentra as redes sociais em um constante fluxo de trocas de informação e comunicação entre as pessoas e comunidades digitais. Cada vez mais as redes digitais, devido sua capacidade de disseminação viral de informações, estão sendo utilizadas como ferramentas de domínio por grupos organizados de poder que percebem a praticidade e eficiência na mobilização de grandes massas impossível em épocas pré-modernas.

A partir dos conceitos apresentados podemos ter uma melhor compreensão da importância da disputa pelo controle da internet que se tornou um local de embate e ganha importância a cada dia.

4. Internet e movimentos sociais

Redes sociais online permitem que as pessoas, em qualquer lugar que estejam, da forma que estiverem, interajam. Permite que mantenham contato com amigos e conhecidos e permite que indivíduos se expressem e sejam ouvidos por uma audiência local ou até mesmo global (BENVENUTO, p.3, 2010) e, cada vez mais, está se tornando alvo de campanhas de marketing, publicidade, além de palco de disputas políticas e ideológicas. Os movimentos sociais na internet buscam criar identidades que os distanciem dos antigos movimentos ao mesmo tempo que dão uma nova roupagem ou abordagem nova para antigos problemas. A moda trabalha muito com isso.

Atrair esses diversos grupos cria capilaridade política o que favorece e muito na expansão das ideias e domínio do grupo, entretanto, essa expansão também fragmenta o grupo devido uma série de fatores que são explicados pelo dilema de coesão e expansão. A coesão leva em consideração a unidade do grupo por meio da identidade, da identificação que as pessoas têm com a causa, o grupo, a ação, o tema,

o enquadramento, já a expansão diz respeito a flexibilização de compromissos indenitários para alcançar um maior número de indivíduos (GOBBI, 2017, p. 42).

Entendemos que há fatores de extrema complexidade para as lideranças dos movimentos sociais em manter o grupo coeso e engajado enquanto expande o território e a abrangência de domínio do grupo. Tarrow (2009) afirma que o poder de promover ações coletivas não é o mesmo poder para dar continuidade a elas. É necessário controle e estratégia das lideranças para equilibrar as disputas internas nos processos organizacionais e manter o grupo coeso ao mesmo tempo que tira o melhor proveito da internet sobre os processos políticos (VÖN BULLOW, 2016 APUD GOBBI, 2017).

A internet faz parte da vida cotidiana das pessoas e a tendência é que cada vez mais nos conectemos a dispositivos ligados a internet e que conectemos dispositivos eletrônicos do nosso uso diário a internet tornando a conectividade um espaço comum na construção social e na identidade do ser social de forma a não, mais, existir distinção entre o “on-line”, “off-line”, “real” e “virtual” (HINE, 2012). “A internet deixa de ser apenas um instrumento e passa a fazer parte da ação política de uma ampla rede de atores sociais” (TEIXEIRA, ZANINI, MENESES, 2017). Alguns teóricos visualizam a conectividade como a característica da nossa época colocando-a acima de simples conexão entre pessoas e coisas vinculando-a ao próprio tempo em que vivemos, a era da conectividade, em que a participação se torna automotivante à medida que os conteúdos são recebidos, compartilhados exponencialmente em rede.

Bennet e Segerberg (2012) dividem as ações em redes em três principais tópicos que são denominados redes negociadas organizacionalmente, redes ativadas organizacionalmente e redes ativadas pela multidão. Nos três casos os indivíduos detêm uma certa liberdade e autonomia nas ações “enquadramentos de ação personalizáveis” que diferem da lógica de ação coletiva. Novas formas de mobilização e ativismo tem surgido utilizando plataformas de redes sociais que se tornaram instrumentos importantes para organização e mobilização da sociedade chamando a atenção de diversos atores sociais por sua capacidade de engajar pessoas e disseminar suas ideias em processos conflitivos. “As novas tecnologias proporcionam a

aproximação do cidadão aos representantes políticos e também ao objeto de discussão política em um espaço autonomia, muito além de controle de governos e empresas” (Castells, 2013, p.11) criando um lugar propício para o desenvolvimento do ativismo digital, ou, ativismo on line.

O ativismo online tem proporcionado mudanças na cultura política e pautado o combate a variadas formas de opressão de gênero, sexualidade, raça, credo ou classe. “Trata-se de um engajamento que visa não exclusivamente confrontar ou se conectar aos mecanismos formais da política, mas que logra principalmente gerar e fomentar mudanças comportamentais na sociedade” (TEIXEIRA, ZANINI, MENESES, 2017). Por outro lado, Gerbaudo (2016), analisa esse ativismo como “momentos de entusiasmo digital” que são gerados pela sinergia entre administrador da página que criam narrativas e enquadramentos e pelos seguidores que exercem o papel de uma espécie de *prosumer* ao receberem, reforçarem e compartilharem. O autor também reflete sobre a liquidez das mídias sociais em que os eventos são fugazes e os movimentos entram em declínio quando deixam o “ao vivo” passando a ser efêmeros e substituídos por outros, bem característico da sociedade de consumo e sociedade do espetáculo.

5. Considerações Finais

Como foi visto nesta pesquisa o ciberespaço se tornou o local central de disputa de poder na contemporaneidade e deve ser estudado de forma transdisciplinar pela academia. A internet é uma ferramenta que pode ser utilizada para a democratização do conhecimento e mobilização de grupos sociais. Já vimos sua força em mobilizações como na Primavera Árabe, nos movimentos estudantis do Chile, nas manifestações políticas a favor do Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. As possibilidades comunicacionais que o ciberespaço cria estão em constante evolução acompanhando a velocidade da tecnologia contemporânea. As novas concepções de real do atual tempo devem ser aprofundadas em pesquisas futuras. As tramas fictícias criadas no ciberespaço para manipular grupos sociais e promover campanhas pode ser um tema para próximas pesquisas na área. Como objeto estamos estudando o caso Queermuseu

que foi atacado por ativistas digitais no ciberespaço e foi fechada antes da data prevista.

Sugerimos o estudo transdisciplinar para as futuras pesquisas e discussões no âmbito acadêmico para que seja possível desenvolver estudos metodológicos sobre o tema e promover uma real democratização de conhecimento e uma provável diminuição na manipulação da população sobre temáticas já ultrapassadas nas cátedras universitárias.

6. Bibliografia

BAUMAN, Zigmund. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENEVENUTO, F. *Redes Sociais Online: Técnicas de Coleta, Abordagens de Medição e Desafios Futuros. Tópicos em Sistemas Colaborativos, Interativos, Multimídia, Web e Banco de Dados*, p. 41–70, 2010.

CALERO VALDEZ, A. et al. Using mixed node publication network graphs for analyzing success in interdisciplinary teams. *Lecture Notes in Computer Science (including subseries Lecture Notes in Artificial Intelligence and Lecture Notes in Bioinformatics)*. Anais 2012.

CALSTELLS, M. (1999) [1996]. *La era de la información. La sociedad red (vol. I)*. Madrid: Alianza.

CATANI, Denice Barbara. Lyotard, Jean-François. **O pós-moderno**. *Rev. adm. empres.*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 64-65, June 1987. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901987000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901987000200011&lng=en&nrm=iso)&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901987000200011>.

Codato, A.; Bolognesi, B.; Roeder, K. M., 2015. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Cotas (orgs). *Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 115-143

DANTO. Marcel *Duchamp* e o fim do gosto: uma defesa da arte contemporânea. *Arthur C. Danto*. Texto

completo: PDF. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202008000200002>.

DEBORD, Guy 1997 — *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34. 715 pp.

DIAS, Belidson. **O I/Mundo da Educação em Cultura Visual**. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

FEITOSA, Charles. *Pensamento Pós-Moderno*. In: Francisco Carlos Teixeira. (Org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro: Campus, 2004, p.702-703.

FEIXA, C., Fernández-Planells, A. & Figueras-Maz, M. (2016). **Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social**. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14 (1), pp. 107-120.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 194.

FREIRE, Geovana Maira Cartaxo de Arruda; SANTOS, Paloma Maria; EBRNARDES, Marcele Berger; ROVER, Aires José. **O ciberativismo na construção da ciberdemocracia: análise do portal wikicidade de Porto Alegre**. Artigo disponível em: http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/o_ciberativismo_na_co... Acesso em: 01.04.2018

GIDDENS, Anthony. 1988- **Modernidade e identidade** / Anthony Giddens; tradução, Plínio Dentzien. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

Goulart Massuchin, Michele, Quesada Tavares, Camilla, **Cobertura da greve paranaense no Facebook: engajamento dos leitores na página da Gazeta do Povo**. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia [en línea]* 2016, 23 (Mayo-Agosto) : [Fecha de consulta: 30 de mayo de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495553927011>> ISSN 1415-0549

LE GOFF, Jacques. História. In: _____ História e Memória. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1-171.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____ História e Memória. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419- 476.

LIPOVETSKY, Guilles. **Os tempos hipermodernos**; São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.129p.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986. 123. Trad. Ricardo Corrêa Barosa.

MACIEL, Luis Carlos. Nova Consciência/Jornalismo Contracultural: 1970 –1972. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

PRIMO, Alex. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROBERT Huckfeldt, Eric Plutzer, and John Sprague, **"Alternative Contexts of Political Behavior: Churches, Neighborhoods, and Individuals,"** The Journal of Politics 55, no. 2 (May, 1993): 365-381.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos. **Vai pra Cuba!!! A Rede Antipetista na eleição de 2014.** – 2016. 197 f. ; il.

SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Orgs.). Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016.

VENTURELLI, Suzete. **Arte: espaço_tempo_imagem**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

VENTURELLI, Suzete. **Arte Computacional**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.